

Apresentação

Com grande satisfação, apresentamos o derradeiro volume da Revista *Ágora Filosófica* do ano de 2019. Contamos com 10 artigos e 1 ensaio. No primeiro artigo, Evandro Fonseca Costa argumenta, a partir de Hannah Arendt, que quem uma pessoa é ou se torna é fruto de um empreendimento que se constitui na visibilidade, na comunicabilidade e na alteridade intrínsecos à pluralidade do espaço-entre seres humanos. Para tal, explora-se os conceitos de singularidade e de personalidade, priorizando a terminologia utilizada em *A condição humana*, na qual se encontra um uso original da noção de identidade específica, que se manifesta na inquietante indagação de quem somos na paradoxal pluralidade do espaço público.

No segundo artigo, Medeiros Chati defende que Maquiavel ao falar do principado civil, em sua obra *O Príncipe*, irá diferenciar dois tipos de governo possíveis: aquele cujo príncipe se apoia nos muitos (povo) e aquele cujo príncipe se apoia nos poucos (oligarcas). Dessa forma, o que ele tem em mente é identificar os dois tipos possíveis de principados civis e demonstrar que ambos conseguem chegar ao poder se se utilizarem dos meios adequados. Trazendo para nosso contexto, o artigo investiga os Governos Lula e Temer sob a ótica maquiaveliana, demonstrando de que maneira a divisão de Maquiavel pode ser verificada nesses governos.

No terceiro artigo, Fernando Magalhães problematiza a polissemia presente na palavra “socialismo” e como a mesma foi interpretada historicamente. Em estudo célebre, Marx opõe dois tipos de socialismo: o

primeiro, considerado utópico, enquanto o segundo designa a concepção materialista da história, fundamentado na análise científica das forças produtivas sociais.

No quarto artigo, Oliveira Mendes parte da seguinte indagação: É possível um retorno filosófico à religião? A fim de tentar refletir acerca dessa questão, o texto pretende focar-se no confronto com os desafios do fenômeno religioso que se configura na contemporaneidade, tomando como ponto de referência o encontro entre as contribuições do pensamento filosófico de Paul Ricoeur e a fecundidade do pensamento ético-filosófico de Emmanuel Lévinas.

No quinto artigo, Afonso Chaves objetiva problematizar e evidenciar que o amadurecimento espiritual é um aspecto constitutivo dos processos educativos da formação humana e a literatura é um recurso eficaz para pensar a dinâmica desses processos existenciais no âmbito da educação. Dessa forma, desenvolve-se uma análise do universo romanesco de Dostoiévski, especificamente das personagens Sônia e Raskolnikov do romance Crime e castigo, em seus percursos existenciais a partir do conceito de Rosto de Emmanuel Lévinas.

No sexto artigo, Abreu Gomes intenta, a partir da análise de Fé e Saber de Jürgen Habermas, abordar a possibilidade da contribuição mútua entre seculares e religiosos num mundo pós-secular. A sociedade pós-secular caracteriza-se por uma desistência do projeto moderno de desvinculação da religião da vida pública seja porque o toma como um projeto falido seja pela contribuição das religiões na esfera social e nas vidas individuais.

No sétimo artigo, Hélio Pereira Lima parte da constatação de que o panorama atual da modernidade tardia acrescenta um componente disjuntivo, se considerado à luz do veredicto nietzschiano sobre a morte de Deus. A novidade que se faz presença é o revival religioso. Assim, caso se pretenda compreender tal componente, a Filosofia da Religião teria que sair de um certo ostracismo e ver que a religião vem ocupando o espaço público e os meios de comunicação, a ponto de se tornar causa eficiente que influencia a pauta corrente de questões político-governamentais, o que tem sido comum no cenário recente no país.

No oitavo artigo, Dimitri Zen trata da questão da tradução e recepção da obra literária. O ponto de partida pode ser resumido na seguinte questão: é possível traduzir uma obra de arte? Considerando-se a obra literária original e dinâmica em seu processo criativo e interpretativo, tem-se que o ato tradutório é um ato hermenêutico que não se espelha no paradigma da fidelidade, válido para a maioria das traduções. Sendo assim, o processo de tradução de uma obra literária deve levar em consideração aspectos contextuais e próprios da cultura para a qual a tradução se destina, não se confinando em uma tentativa de translação semântica.

No nono artigo, Thales Castro parte das considerações iniciais do livro publicado pelo próprio autor, intitulado "Teoria das Relações Internacionais". O do objetivo do livro é bem específico: trazer a fenomenologia como instrumento de análise introdutória das Relações Internacionais como ciência. O mote deste artigo, portanto, foi atualizar o rico debate, com base na interdisciplinaridade, sobre política internacional – ou melhor: sobre o saber internacional.

No décimo artigo, Nunes Costa, discutindo conceitos agostinianos, baseia-se no princípio ontológico da “Vera Justiça”, ou da “Divina Ordem”, segundo a qual é justo que se “subordine as coisas somente as dignas, as corporais às espirituais, as inferiores às superiores, as temporais às sempiternas”. Assim, Agostinho introduz em sua doutrina ético-política o conceito de poder coercitivo, não como um bem em si, ou um fim em si mesmo, mas apenas como instrumento prático garantidor da “pax temporalis”, na Civitas, de forma que, punido pelo reto ou justo castigo, o pecador possa retornar à Ordem e assim alcançar à Vida Eterna.

Por fim, temos o ensaio de Michael Zaidan originário de uma palestra ministrada a professores, num curso de extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco, intitulada: “Arte, História e Filosofia. Ao longo do texto conceitos são apresentados e discutidos pelo autor. Assim, o artigo debruça-se sobre conceitos como transtemporalidade, a partir das conjecturas proustiana e o conceito de mimesis, indo além do realismo aristotélico. Ao final, discute-se o papel da Filosofia em nossa sociedade.

Comissão Editorial